



que Deus lhe
ponha a virtude!..

Ilustro Portuguesa

2ª SÉRIE

LISBOA 6-JANEIRO-1923

Nº 881

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Redacção, administração e oficinas
RUA DO SÉCULO, 40—LISBOA

Numero avulso. 1500 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E FIES.
PANHA: Trimestre 13500. Semest. 26500.
Ano 52500—COLÓNIA PORTUGUESA:
Semestre 27500. Ano 54500.—ESTRA-
N-GEIRO: Semestre 30'00, Ano 60500.

DENTIFRICOS
DOS RR PR

BÉNÉDICTINS

DE SOULAC

ELIXIR

PÓ



PÓ

SABÃO

EM CAIXAS DE ALUMINIUM



PASTA ou PASTA-SABÃO

PASTA

EM CAIXA E EM BISHAGA

PASTA-SABÃO

EM CAIXA E EM BISHAGA



SABÃO

CAIXA ALUMINIUM

FRANÇAIS

PASTA ou PASTA-SABÃO



COMPANHIA

DO

PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Accões.....	300.000\$00
Obrigações.....	254.220\$00
Fundo de reserva e amorti- sação.....	890.000\$00
Escudos.....	1.021.220\$00

SÉDE EM LISBOA. Proprietaria das fábricas do Prado, Marianzala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casali de Hernil (Louzã), vale Maior (Albergaria-a-Velha), instaladas para uma produção anual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem um depósito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho, toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas navaes—Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princesa, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manuel, 51.—Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado—N.º telef. Lisboa, 665. Porto, 117.

Dr. Benguê, 47, Rue Blanche, PARIS.



Venda em todas as Pharmacias



Goroas

Onde ha o mais chic
sortido e que mais ba-
rato vende, por ter
fabrica propria, e na

Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 50
Sao Paulo - Tel. 3776

A'S MAES

CUM CUIDAM da saúde dos seus filhos
aconselhamos a **Farinha Lactea Cister**,
unico alimento completo e que, pelo seu
essencial fabrico, allado a n.º officina do
seu preço, rivalisa com as estrangeiras.
A' venda em todas as mercancias, farmacia
e drogarias.

Pedi amostras aos depositarios:

BORGES, MARQUES & C. L.º

Rua Neco Banqueta, 159

MAQUINAS DE ESCRIVER

Novas e usadas. Reparções
e reconstruções garantidas.
Acessorios. J. Anão & C.ª,
Lid.ª. R. FANQUEIROS, 376,
2.º.—Tel. 3536 N.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor corôas
d'ouro. dentes sem placa.

R. LUGENIO LGS SANTCS, 35, 1.



Todos os Sports.

A'S 15 horas do passado dia 31, o arbitro, sr. Rozerio Peres, deu começo ao desafio jogado entre o Union Sporting de Vigo e o Club de Foot-Ball os Belenenses. Este ultimo team apresentou-se em campo com elementos de segunda categoria. Coube a bola de saída ao onze galego, começando assim o jogo, para logo depois ser interrompido em virtude de ter sido derrubado o half-back centro do Union. Este jogador não continuou no campo, pelo que de acordo com o onze português foi substituído, tendo o grupo espanhol modificado um pouco a sua linha. Recomeça o jogo e os players do Union pedem a substituição da bola, que por já ter sido jogada estava muito pesada. Vêto outra bola e pouco depois ainda outra, parecendo-nos que das três a unica nova foi a ultima.

Os Belenenses teem uma boa avançada, mas rematam alto. Numa segunda fuga Rio centra a bola, que já passara a linha, e o meio direita consegue coloca-la dentro do goal galego. Os jogadores do Union protestam, alegando ter a bola ido fora do jogo, e o arbitro concordou dando sinal para pontapé de saída. E', passados alguns momentos, que o avançado centro do onze português enfia a primeira bola da tarde nas redes espanholas. O keeper do Union tem a seguir uma magnifica defesa, terminando logo a primeira parte lo jogo. Inicia-se a segunda depois, sendo senhores da bola os Belenenses, que a perdem na sua primeira avançada. Stock, o guarda-rede português, tem uma má defesa e Joaquim Reis consegue a seguir a segunda bola, a favor do seu club, aproveitando uma passagem de Rio. Segue-se uma avançada do onze espanhol que poz em risco as nossas redes. Ha depois uma boa cabeça de Almolda, rematando uma passagem de Rio, mas a bola bate na trave. E', contudo, este jogador que ainda marca a terceira bola portuguesa. Marca-se um corner contra o Union e Rio fura as redes espanholas com uma cabeça. Ainda é este jogador quem mete a quinta e ultima bola a favor do onze português, terminando assim o desafio pela victoria dos Belenenses por 5 bolas a 0.

Os Belenenses jogaram com acerto, distinguindo-se Rio que esteve incansavel. Não nos agradou a forma de Stock. A defesa espanhola era a parte mais forte do team.

— Foi ainda no passado dia 31, que o Imperio Lisboa Club jogou contra o União Foot-Ball Lisboa a primeira eliminatória da taça Mutilados da Guerra. A bola de saída coube ao União, sendo pouco depois marcada pelo seu meio - defesa centro a primeira bola da tarde a favor do Imperio. Seguiram-se algumas boas avançadas do União, mas, falhas de remate, duma delas derivou uma grande penalidade marcada contra o Imperio, porem, sem resultado, por a bola ter sido shootada alto. A ponta direita deste ultimo team consegue a segunda bola a favor do seu club, terminando assim a primeira parte. A segunda come-

ça com uma avançada do Imperio, rematada alto. O guarda-rede do União defende superiormente uma grande penalidade. O desafio terminou pouco depois, cabendo a victoria ao Imperio por 2 a 0.

— Como allás já era esperado, o Union de Vigo foi derrotado, no seu segundo desafio, pelo Imperio, que obteve a nitida victoria de 4 bolas a 2.

O jogo do grupo espanhol não agradou, dando-nos a impressão de que é muito fraco, sendo pessima a sua combinação.

— Em segundo desafio para a disputa da taça Mutilados da Guerra, os Belenenses venceram o Internacional, no campo de Palhavá, por 3 bolas a 1. Foi Sobral que conseguiu o primeiro goal da tarde a favor dos Belenenses, logo seguido da bola do Internacional. Na segunda parte o jogo decorreu monotonico, até que quasi no final os Belenenses conseguiram mais duas bolas, sendo portanto difficilmente que venceram os seus adversarios. O guarda-rede do Internacional, Guimarães, esteve bom, tendo magnificas defesas.

— O final do campeonato de hockey de Lisboa foi ganho pelo 1.º team do Hockey Club de Portugal, no passado domingo, jogando contra o Sport de Lisboa e Benfica no rink deste ultimo club, na Avenida Gomes Pereira. O Hockey Club de Portugal, que ganhou por 1 a 0, ficou assim de posse da taça Lisboa-Ginnasio. Sobre o desafio julgamos ser bem cabida a nossa crónica do passado numero, mas parece-nos que os leitores da Illustração Portuguesa ali da a não devem ter esquecido e com respeito á assistencia que é m'ltar em ferro frio...

— Comemorando o segundo aniversario da fundação do Hockey Club de Portugal, reuniram-se os seus socios num almoço de confraternização que decorreu animadissimo. No final da festa, a que assistiram umas sessenta pessoas, foram levantados varios brindes e proferidas allocuções pelos srs. Alberto Afonso, Severino Freire, Bernardo Lemos, Coelho e Dias de Sousa, que fizeram o elogio dos rapazes do Hockey Club de Portugal, falando sobre a vida do club até hoje e seu futuro desenvolvimento. Dias de Sousa, o distincto sportsman e nosso querido colega da Imurensa, teve a gentileza de brindar ao jornalismo desportivo, na nossa pessoa, o que penhoradissimos agradecemos, levantando a taça pelos rapazes do Hockey Club de Portugal e pela sua mocidade.

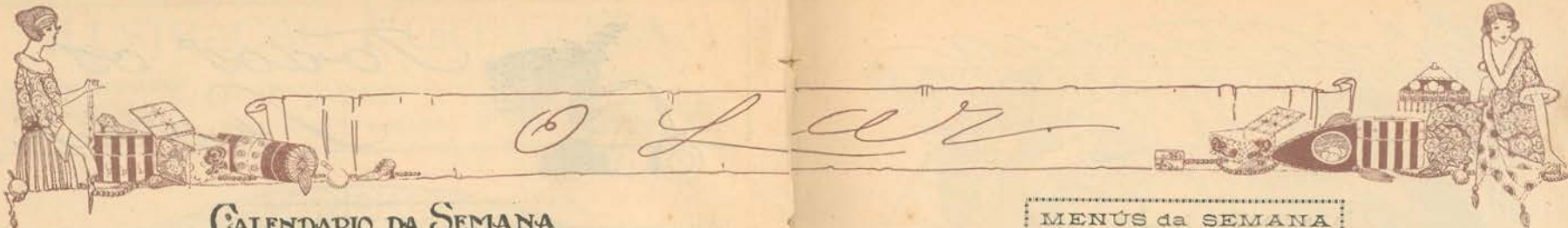
— A *matinée* realizada, na passada segunda-feira, na

sala do Ginnasio Club Português, em homenagem ao distincto professor de educação fisica sr. Artur dos Santos, decorreu com grande brilhantismo. Elogiando Artur dos Santos, que naquele dia contava vinte e cinco anos de professor no Ginnasio, usaram da palavra os srs. Alberto Muet, dr. Padua e Marcelino Maia, que foram muito applaudidos.

D. C.



O 1.º team do Union Sporting de Vigo, que ha poucos dias, foi vencido pelos Belenenses e Imperio



OS DEZ MANDAMENTOS DA MULHER CASADA

VEM numa revista norte-americana este curioso decálogo formulado por uma sua colaboradora.

1. — Lembre-se da primeira questão. Mas uma vez iniciada, não a evite, e faça o mais que possível porque teu marido seja vencido e o sinta.

2. — Não te esqueças de que desposaste um homem e não um Deus. Não te admires, pois, dos seus defeitos.

3. — Não o enfades com pedidos de dinheiro. Procura não ultrapassar a soma hebdomadária ou mensal que ele te fixou.

4. — É possível que teu marido não tenha coração, mas terá em todo o caso um estômago melhor ou pior. Farsas bem se o conciliars com uma boa cozinha.

5. — Deixa-lhe, de vez em quando, a última palavra: o que lhe dará prazer e te não scartelará nenhum mal.

6. — Lê nos jornais alguma coisa mais do que os anúncios de casamento e as participações de enterro, para poderes alguma vez falar com ele de coisas que lhe interessam.

7. — Sê sempre cortez para com ele para nunca lhe dardes motivos a que se exalte para que seja também cortez para contigo.

8. — Deixa-o acreditar, de longe em longe, que ele sabe mais que tu. Isso o lisonjeia.

9. — Se é inteligente, sê para ele uma amiga: se é um cretino, procura levá-lo a saber tanto como tu.

10. — Respeita seus pais, sobretudo sua mãe, a quem ele amou antes de amar a ti. Recordar-te de que, quando ele era ainda teu noivo, o consideravas um ser superior; não chegues ao excesso oposto agora.

COMO PALMIHAR MEIAS

É de uma grande economia, o uso das meias palmilhadas. Como geralmente são os pés a única parte em que as meias se estragam, é fácil, sem as tornar incômodas sob nenhum ponto de vistas, (isto é, sem as tornar mais curtas, ou fazer-lhes costuras que magoem o pé), concertá-las, lançando mão de outras meias mais usadas. Corta-se pelo sítio do reforço nas meias que queremos palmilhar (fig. 1), vamos depois a umas meias usadas e tomando este retinho por molde, cortam-se as palmilhas (fig. 2). Depois das palmilhas cortadas ficam como mostra a (fig. 3). Costem-se, e para que as costuras não magoem, alibem-se.

A EDADE EM QUE AS MULHERES SE CASAM

Dos 15 aos 20 anos —idade em que as mulheres possuem os seus maiores encantos, é a primavera das vidas. É a idade em que o matrimônio se dá na maior proporção.

Dos 20 aos 25 —a mulher vê o desabrochar da sua beleza em todo o seu esplendor. Dão as estatísticas o número de casamentos de 48 por cento.

Dos 25 aos 30 —as mulheres realizam o matrimônio na proporção de 23 por cento. —Dos 30 aos 35 —42 por cento.

CALENDARIO DA SEMANA

Janeiro—31 dias

- 7 — Domingo — S. Teodoro
- 8 — Segunda-feira — S. Lourenço
- 9 — Terça-feira — S. Julião e S. Marcelino
- 10 — Quarta-feira — S. Gonçalo e S. Am.
- 11 — Quinta-feira — S. Higinio
- 12 — Sexta-feira — S. Saito N. S. de Jesus
- 13 — Sábado — S. Hilário — S. Remigio

honestidade que deveriam ser a base de todos os sports. Parece que assim tem sido em todos os tempos.

Temos materia para comparação entre a moralidade dos antigos e a de hoje. Virgilio dá-nos a narração de algumas: «Numa regata, quatro barcos concorrem ao desafio, a Pristis, comandada por Nuarez, a Chimera, por Dja, o Centauro, por Sugesto; e o Sultan por Cinarato. O trofeu era um galho de carvalho colocado sobre umas pedras a alguma distancia na praia; era o ponto onde deviam chegar os competidores. Os barcos partem ao sinal, e Chimera sae á frente seguida por Sultan e um pouco atraz Cinarato e Pristis. Dja que comanda Chimera ordena ao piloto de seguir junto das pedras, porém o piloto temendo algum banco de areia, navega mais para o largo, ao passo que Cinarato com Sugesto, passa junto das pedras e volta á frente de todos. Dja desesperado perde toda a presença de espirito, agarra o velho piloto e lança-o ao mar. Esse acto de fúria é considerado pelos presentes como muito engraçado, pois os Taneros desatam em sonoras gargalhadas. O que demonstra que as leis que deviam regular esses desafios, eram cousa desconhecida.

PARA O TOUCADOR

Ofereremos hoje, ás nossas leitoras, a receita de um preparado contra a caspa, que dá óptimos resultados:

- Água destilada de rosas..... 500 grs.
- Licor de Van Nuxten..... 125 „
- Glicerina pura..... 125 „
- Hidrato de chloro..... 20 „

Misturar

Com uma colher dessa solução, ligeiramente aquecida, fricciona-se diariamente o couro cabeludo.

ALGUNS PENSAMENTOS

— O orgulho é o maior de todos os ridiculos.

— O interesse é o tumulo da amizade.

— A ambição epiche a cabeça e cerra o coração.

— A natureza muda nossos gostos para multiplicar nossos prazeres.

— As fortidas do corpo fecham-se; as da alma ficam sempre abertas.

— Os antigos conhecedores valem mais do que as amizades novas.

— O imperio do amor deve grande parte da sua força á illusão.

A HIGIENE SENTIMENTAL DA MULHER

Assim como a hygiene robustece o corpo, dá saúde e vida, assim a alma precisa espiritualmente de ser cuidada. O «monsana in corpore sano» é um aforismo que indica a estreita relação que existe entre a saúde do corpo, e o vigor, ou poder da alma. Um corpo não e forte dá lugar ao otimismo e á alegria espiritual. A fraqueza da alma e a maldade traduzem-se por manifestações grosseiras do corpo, pois que, este não é mais, do que um revestimento do espirito, fino como uma gaze, deixa transparecer indistinctamente a alma em bloco.

A hygiene do espirito consiste em: educá-lo devidamente, adquirindo habitos de cultura e o aperfeiçoamento das faculdades espirituais por meio do estudo. Esses habitos e o cultivo constante das nossas qualidades chegam a formar a hygiene espiritual, que se completa com um coração bondoso e sensível a tudo quanto é sublime e delicado.

Muito difficil me seria sintetisar os preceitos da hygiene espiritual, que estão tão intimamente ligados com a educação, como os da hygiene do corpo com a civilização; mas esta difficuldade ainda se torna maior quando se quer falar sobre a hygiene sentimental da mulher.

Requer, numa das suas cartas litterarias a uma mulher diz:

A poesia é tu, porque a poesia é o sentimento, e o sentimento é a mulher. A poesia é tu, porque a

aspiração ao belo que a caracteriza, e que no homem é um producto de intelligencia, em ti pode dizer-se que é um instinto. A poesia é tu, porque o sentimento que, em nós homens é um fenomeno accidenal, e passa rapido como a brisa, tão intimamente se ligou á tua organização especial, que constitue uma parte de ti mesma...

E se tão subtil é a alma feminina, pode-se calcular quanto delicada ha-de ser a sua educação. Ao puro, alimentação saudavel, assiduamente cuidados de asseio, constituem a hygiene do corpo; estabelecendo uma semelhança, em ti, quanto pode ser permitida, tambem o espirito deve nutrir-se duma alimentação sã. Tendo a intelligencia uma faculdade excepcionalmente perfeita, deve pôr-se grande cuidado no seu desabrochar, no seu cultivo, principalmente na mulher; pois que na harmonia do todo é que consiste a perfeição, a beleza.

Na maioria dos casos, uma esmerada educação e uma intelligencia culta chega a suprir a falta de beleza da mulher. M.me de La Vallière era tímida, silenciosa e de uma beleza imperfeita, mas era dotada de tão singular encanto de graciosa bondade, que dela se enamorou Luiz XIV.

A conhecida escritora flamenca madame Cottin era bastante fria, e apesar disso, inspirou com a sua intelligencia violentas paixões.

Na corte das Tulheries era admirada entre todas as damas formosas a princesa Paulina Metternich, que era feia e não o ignorava, mas a sua graça e o seu espirito gentil e a elegancia das suas toilette's eram inigualaveis.

Assim, como se educa a mulher nos habitos virtuosos, base de toda a boa educação, se assim deve inculcar-se o amor

MENUS da SEMANA

Domingo		Quarta-feira	
Almoço	Dobrada grelhada Costeletas panadas Chá ou café	Almoço	Croquetes de coelho Arroz de caril Chá ou café
Jantar	Sopa de cabeça de vitela Peixe au gratin Carne assada, com batatas frias Bolo económico	Jantar	Purê de ervilhas Ostras recheadas Peito de vitela de fri-casse Crème com leite
Segunda-feira		Quinta-feira	
Almoço	Sarda d' «maltre d' hotel» Ovos com presunto Chá ou café	Almoço	Bacalhau em leite Costeletas de carneiro, com ervas Chá ou café
Jantar	Sopa de purê de tomate Pargo assado Mayonnaise de frango Crème de chocolate	Jantar	Sopa de pão em caldo gordo Carne cozida com arroz Guarnição de cebolinhas Pombos marinados e frios, com salada Bolo de Saboia
Terça-feira		Sexta-feira	
Almoço	Bacalhau d' Batalha Reis Hoculos d' italiana Chá ou café	Almoço	Ovos á bacalhau Bacalhau, com molho de alcaparras Chá ou café
Jantar	Sopa de peixe Empadas de peixe Pato com molho de arroz doce	Jantar	Caldo verde Croquetes de bacalhau Linguiço, com molho branco Doce de gingivas
Sábado		Domingo	
Almoço	Presunto na frigideira Enzadas d' torrada Chá ou café	Jantar	Sopa de couves Peito de carneiro com pontos de espargos Nata de amendoas

pelo estudo e pelas belas artes, mas sem desprovar o ensinar-lhe a ser uma mulher: a dona da casa, a mãe de seus filhos.

A hygiene do sentimento, sempre necessario para o homem, é o muito mais para a mulher, por ser esta a encarregada da educação dos filhos. Por isso, dizia Dupanloap: «quem educa um homem, educa um individuo; quem educa uma mulher, educa uma família».

A ORIGEM DA PALAVRA «FIASCO»

Blancoletti, celebre actor italiano, desempenhava, numa peça muito em voga no seu tempo, um papel de que fazia parte um longo monologo, cuja interpretação ele variava constantemente, introduzindo-lhe, cada vez, novos effeitos comicos. Para esse fim trazia na mão um objecto qualquer, um sacarrólis, uma carta, uma cabellera, etc., que lhe servia de tema para uma infinidade de pihierias, com que o povo ria as bandeiras despregadas.

Uma noite Blancoletti trazia na mão uma garrafa (fiac) e sobre isso foi architectando as suas alusões a chistes de improvisação. Mas, ou fosse porque o objecto se não prestasse, ou porque a veia comica fallhasse d'aquella vez, o certo é que não conseguiu tirar graça e o publico ficou frio e impassivel. Então o artista furioso, arremessou a garrafa ao chão, exclamando: — Por tua causa fiz figura de

bruto!

O publico desta vez riu... mas de troça.

Desde então, quando qualquer actor não agradava, dizia-se: — Temos fiasco!

UTILIDADE DE DESENGORDURAR O CALDO

Ninguém ignora quanto a gordura é indigesta, e o prejudizo que causa, cedo ou tarde, nos temperamentos mais frios e mais bem constituidos. É certo, porém, que parte das sopas, e uma grande porção dos caldos que se dão aos doentes, vão cheios de toda a gordura. Para remediar esse mal, é preciso desengordurar o caldo, do melhor modo possível, servindo a gordura para frituras e para tempero de varios legumes.

COSCORÕES

Farinha.....	3 litros
Ovos.....	4 dozia
Assucar.....	350 gramas
Vinho branco.....	2 decilitros

Molha-se a farinha com agua morna, tempera-se de sal e junta-se-lhe o fermento. Amassa-se muito bem, depois de amassada deixa-se estar um pe tacho em repouso embulhada num pano. Quando se quizer fazer os coscorões, estende-se a massa, de maneira a ficar o mais fina possível, corta-se em pedacinhos com a canetilha, fritam-se, e pas-sam-se pela calda.



ARREPENDIMENTO...

Que pensarás de mim? Nem faço ideia!
Como ha-de ser cruel teu julgamento!
Severo, injusto como o pensamento
Que se dirige a uma mulher que é feia!

Entendes que eu devia ser alheia
A' tua graça, ao teu encantamento,
Viver no mais perfeito isolamento,
Insensível ao belo que me enleia.

E porque pensas isto e mais talvez,
Queria arrepender-me, mas não vês
Que tenho tanto amor á minha cruz?

O meu pecado choro e tenho pena.
Mas só quizerá ser a Madalena
Se tu pudesses ser o meu Jesus!...

18-12-22

MARTHA DE MESQUITA DA CAMARA LIMA

NOITE DE LUAR

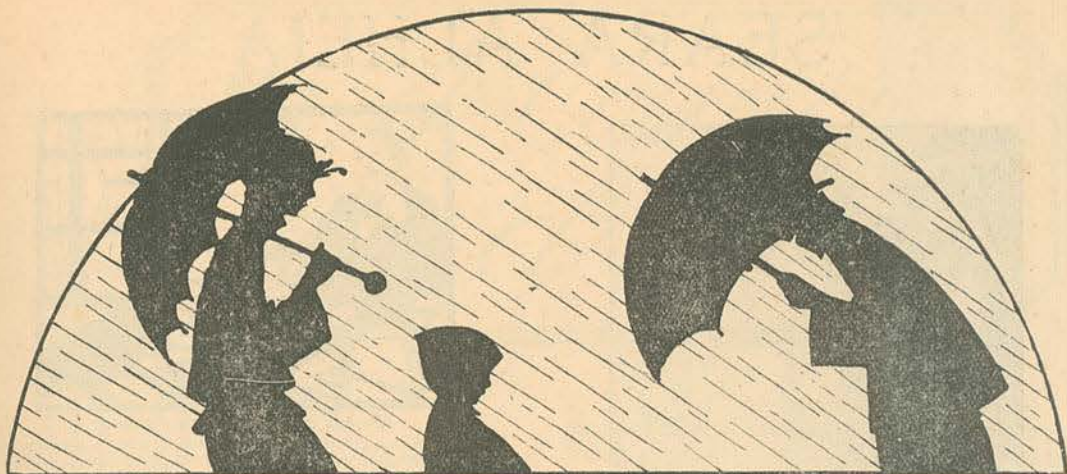
Era em Agosto (os anos que lá vão!)
E tanto as coisas o luar clareia,
Que a ermida, lá no alto, dava idéa
D'uma virgem que fosse á comunhão.

Não soprava a mais debil viração,
Nem bolia uma folha, um grão de areia;
Pelos caminhos rusticos da aldeia
Nada turbava aquela quietação.

Vinda de claras fontes, claros veios,
A agua cristalina sussurrava
Caíndo de alto sobre os tanques cheios.

E no pinhal, que a lua prateava,
Um terno rouxinol, com seus gorgeios,
Amortecia os beijos que eu te dava.

E. BRAMÃO DE ALMEIDA



BATAILLE E QUINTEROS

Ricardo, o filho do barão de Rysbergue e de sua esposa Irene de Rysbergue, percebeu que a mãe necesseitava d'uma alcinha e hesitou muito tempo na escolha. Percorreu os tres reinos da natureza, porque nêsse tempo era estudante de sciencias, passou em revista as pedras preciosas, depois as flores, depois os animais e nestes se fixou; a mãe possuía, evidentemente, alguns caracteres ornitologicos, certa leveza de cabeça e certas atitudes, que lembravam as aves. Se tem esperado mais algum tempo chamar-lhe-la gali ha, pèga ou passaro bisnau; nessa ocasião, porém, ainda Irene de Rysbergue era uma senhora seria, por isso o filho chamou-lhe colibri e por *Mamã Colibri* ficou sendo conhecida, assim como a peça de Henrique Bataille, ha dias representada no Politeama.

—Galinha... pèga... Já vejo que a peça é amoral, diz o leitor, empregando *amoral* em vez de *imoral*, por ser moda, como se as duas palavras não tivessem a mesma significação.

Engana-se redondamente. A *Mamã Colibri* não é moral nem imoral, no sentido de regenerar ou perverter quem a vê; é, sim, uma lição aos velhos que casam com raparigas, e ás velhas que não podem dominar o apetite pelos rapazes. Aos velhos acontece geralmente o que na peça acontece ao barão de Rysbergue: são enganados pelas esposas; ás velhas, o que na mesma peça acontece á Irene: são enganadas pelos amantes. E' verosímil, é humano e, quanto aos velhos, quando adrega de ser o sr. Teodoro Santos a desempenhar o papel, é mais que verosímil e humano—é muito bem feito, porque pessoa tão desagendada e ridícula, tão comica nas situações dramaticas, junto duma mulher tão apetecivel como a sua (não é lá pela sr.^a D. Palmira Bastos estar presente) não tem senão o que merece.

Com respeito á velha, o facto é igualmente natural, mas não tanto quando essa velha é a dita senhora, a quem pedimos venia para chamar apenas madura, no bom sentido da palavra, o que os francezes chamam *à point*, isto é, no saboroso estado de fruta sazoadada, ás vezes picadinha dos pardais, mas nem por isso desvalorizada, antes pelo contrario, porque os pardais procuram sempre o melhor.

Não é bonito, bem se sabe, Irene de Rysbergue escolher para amante um amigo do filho, o patife do Jorge de Chambray, assim como é repugnante o trocar caricias com este deante do mesmo filho; essas coisas, em scena, e fóra de scena, costumam fazer-se deante do marido, mas Bataille é desculpavel, porque, na sua qualidade d'artista, buscava a originalidade, e tanto assim que podendo comodamente ter feito passar o 4.^o acto do seu drama em Paris, como os tres anteriores, o faz

passar em Alger, para aproveitar o pitoresco do local, para introduzir tres palavras arabes e para fardar de zuavo o malandrim do Jorge. Tambem se fala muito nesse acto n'um eclipse da lua. mas esse podia, sem inconveniente de maior, ser visivel em Paris.

Valeria a pena, pelo desejo de originalidade, ter obrigado a pobre Irene, com despezas e desarranjos de viagem, a atravessar o Mediterraneo, para a devolver dentro em pouco a França? Se o teatro parisiense onde se representou a *Mamã Colibri* tinha a dirigi-lo alguém nas condições da familia Rey Colaço, toda tangerina, dispondo de tapetes, caçoletas, tamboretes e tamaras doces autenticamente marroquinas, Bataille procedeu com juizo; mas se as americanas que vão caçar noivos e tocar violino entre as kabilas são todas como a Anita Sacramento, atrevidamente morenas, ves'idas como eng' madeiras, declamando como se estivessem a dar a roupa ao rei, confundindo, sem duvida, Alger com Algés, antes Bataille tivesse levado Irene e o seu rapazelho para os arredores de Paris, onde ao menos podia vêr uma vez por outra o filho mais novo, o Paulo, e aconselha-lo, se manifestasse para actor a vocação que se revela no sr. Mario Elvoy, a não se matricular no Conservatorio, para não ficar peor.

E agora, como nos temos alongado demasiadamente, deixemos a pobre da Colibri em casa de Ricardo, cantando o *O' papão vai-te embora* ao netinho, louvemos o sr. José Sarmento por ter verificado com consciencia a prosa de Bataille e por não ter ousado rever o primeiro acto, a cargo de outrem, que insiste em empregar o possessivo como os francezes, aplaudamos sem restrições Palmira Bastos e Ester Leão, e lemos o que pensamos dos restantes, d'uns porque não tiveram ensejo de brilhar, d'outros porque o não puderam fazer, e passemos a falar d'*O mundo é tao pequeno*, ultima peça nova do Nacional.

Só uma duzia de linhas, para que os irmãos Quinteros (no plural, como quando falamos nos Silvas e nos Almeidas, por exemplo, embora por aí se julgue que se deve escrever *irmãos Quintero*), para que os dois comedigraphos, fomos dizendo, não julguem que lidam com ingenuos: *El mundo es um pañuelo* foi por eles escrito unicamente para provar que são capazes de fazer uma peça má.

Conseguiram plenamente o seu fim e os artistas do Nacional representando-a, com poucas excepções, de harmonia com o pensamento dos autores, não são de censurar. Por isso o publico os pateou moderadamente.

SEARA ALHEIA



— Não gostava, meu amigo, que os creados do hotel percebessem que somos noivos...
— E' simples. Segura, tu, nos embrulhos, que eu entro com as mãos nos bolsos...

(De Bystander—Berlim)



— Sempre a gente faz cada tolce, por causa das mulhe-
res!...
— Fizeste alguma?...
— Se te parece!... Casal...

(De Life—New-York)



— Por amor de Deus, não ressones tão alto! Não ouço nada do que estão a dizer em scena...

(De Bueno Humor—Madrid)



(Depois de 10 minutos de espera)

J—Teria a amabilidade de me dizer, minha menina, que numero devo pedir, para conseguir ligação com aquele que desejo?!...

(De Le Petit Parisien—Paris)



— E se eu casasse com um preto?...
— Não faças semelhante coisa! Para teres filhos aos quadros pretos e brancos!...

(De l'Intransigeant—Paris)



— O menino já voltou do colegio?
— Sim, minha senhora.
— Viu-o?
— Não, minha senhora.
— Então, como sabe que voltou?
— Porque o gato já fugiu, e escondeu-se na cosinha...

(De Le Petit Parisien—Paris)



— O medico—Então, deu-se bem com as bichas?...
O doente—Não me souberam mal, mas teria preferido camarões...

(De New Magazine—Londres)



A Carta d'Amor



QUE tolíce, em plenas férias, sob um céu d'uma serenidade absoluta, em frente de um mar apenas arripiado por pequenas vagas, que samsabória, para o jovem Adolfo, sentir-se assim perseguido por um aborrecimento que nem sequer sabe precisar...

Acaso lhe sucederá ter-se lembrado da irmã enferma, que não pudera sair de Paris, ainda convalescente d'uma bronquite? Não, porque já se preocupara com isso na véspera, durante todo o dia, em termos de haver-se habituado a essa idéia...

Serão as dividas que lhe dão cuidado? Tão pouco, porque o fim do mez ainda vem longe.

Por lhe coxear o cavallo? Também não, visto que estando o cavallo côxo, não terá necessidade de o passear. E assim se verá dispensado, durante alguns dias, do prazer de andar a cavallo.

O que vem a ser é ter-se lembrado, ao levantar da cama, que era terça-feira e tinha de escrever á bem-amada...

«Madame» Chernuzon andava pelos Alpes, com o marido. Só se escreviam, ella e Adolfo, de tres em tres dias, para não se tornarem reparadas as visitas muito frequentes, d'ella, á posta restante. Na véspera, recebera, Adolfo, uma carta de oito paginas que valiam por dezasseis, visto «madame» Chernuzon ter o costume de escrever nos dois sentidos, primeiro á largura, depois ao comprimento do papel, sobre as linhas já escritas, o que tornava a leitura das suas cartas assás difficil para um leitor metuculoso.

Quanto a Adolfo, adoptara o processo de lhe responder apenas em quatro paginas; mas essas mesmas, era preciso encher-as de ponta a ponta.

Escrevia, de preferencia, no Casino, porque o papel tinha um «en-tête» representando uma

praia cheia de creanças e gentis banhistas, em frente d'um hotel, maior ainda que o tamanho natural, e todo embandeirado. Esta vinheta, muito artistica, occupava uma boa metade da primeira pagina.

Depois do almoço, dirigiu-se, portanto, ao Casino, através as ruas estreitas da cidadezinha normanda. Seguia devagar, para que o caminho fosse menos curto. O primeiro cão, a rapar na terra, lhe atraía a attenção. Sensibilizava-o uma pequenita que chorava; pois nada lhe aprazia mais que reconhecer que tinha bons sentimentos, desde que não houvesse inconveniente n'isso.

Ficou um largo espaço de tempo, em frente da montra d'uma salsicharia a examinar as peças expostas e foi preciso, para arrancar d'ali, que o salsicheiro assomasse á porta do estabelecimento com o mais convidativo... a entrar dos seus sorrisos. Poucos passos mais adeante, esperanças por igual infundadas fez despertar no espirito d'um velho negociante de brinquedos para creanças e, mediante nova paragem, junto d'um outro estabelecimento, architectou castelos quimericos na alma, até ali resignada, d'uma dama vesga que vendia boinas de praia.

Chegado ao Casino, instalou-se na «Terrasse», em frente do mar preguiçoso, cuja viração, tranquilla e regular, o bafejava. Pediu um sorvete de café e com que escrever. Trouxeram-lhe logo com que escrever, implacavelmente...

Esperou pelo sorvete, para o tomar primeiro e não ter que interromper a carta.

Mas um sorvete, mesmo no Casino onde o serviço seja mais demorado e os creados se arrastem mais linfaticos, sempre acaba por chegar. E uma vez chegado, ha que ingeri-lo, para que não se liquidefaça. E, por mais pequenas que sejam as colheradas e maior o espaço entre cada uma, acaba-se sempre por... acabar o sorvete.

Não teve, portanto, outro remedio senão lançar mão da pena, abrir a pasta, tirar o papel e escrever, por baixo do hotel embandeirado:

Minha adorada.

E depois?

Acusar a recepção da carta dela:

Recebi a tua querida carta, minha adorada...

N'este caso, as repetições não prejudicam.

...li-a, reti-a e beije-a dez vezes, com vezes, mil vezes...

Podia ter escrito logo «mil vezes»; mas a progressão, além de muito útil, era também mais eloquente.

E nada mais a acrescentar sobre a carta recebida... Verdade seja que já faltavam só duas linhas para chegar ao fim da página, o que Adolfo conseguiu facilmente com alguns veementes: «Adoro-te! espaçados com reticências.

Procurou o mata-borrão, para poder voltar a folha. Nada de mata-borrão. Reclamou-o do creado.

Compasso de espera.

Uma vez a folha virada, a dobra cuidadosamente vincada, encontrou-se em frente d'uma considerável extensão de papel em branco. Sentiu a cabeça á roda, como se fosse a bordo, e recostou-se na cadeira.

Que dizer-lhe mais? Em que empregára o tempo?

Apenas tinha a contar-lhe um passeio de carruagem:

Fomos hontem, de trem, a Banuerville. É um sitiozinho muito interessante, a uns oito quinhentos e quinhentos metros d'aqui. O passeio foi, comtudo, magnifico. Não ha memoria de me divertir, decididamente, em ti.

E, sobre o emprego do tempo, era quanto tinha a contar-lhe. Porém ela, que teria, ela, feito?

E tu, minha adorada, que tens feito? Tens-te divertido muito? Oh! de mais tenho eu a certeza, apesar do que me dizes, que te divertes, longe de mim. E isto enrrasce-me, irrita-me...

Aproveitando a pequenina scena de ciúmes que lhe ocorrera a talho de foice, mais lamentação para aqui, mais lamentação para ali, tudo isto traçado aprasível e rapidamente, tinha chegado ao fundo da segunda página.

Em presença da página terceira, tornou a sentir perder a coragem. E, passando a vista pelo que já havia escrito, arrependeu-se de ter apertado tanto as linhas, por mais que, pelo contrario, as houvesse espaçado bastante.

Ainda sobre o tema do ciúme, tentou algumas reflexões:

E' que, nem tu imaginas a vida de que poderás amar outro faz-me perder a cabeça!

Logo por infelicidade, n'esta altura, o creado, intervindo a perguntar-lhe se já não precisava da garrafa d'agua gelada, fez-lhe perder o fio ao discurso.

Poisou a pena, e poz-se a olhar para o mar. Mas o mar tem maus que fazer do que fornecer assunto ás pessoas que escrevem cartas. Bem

bastam, para o ocupar, as horas rigorosamente certas das marés...

— Afinal de contas, pensou Adolfo, não tenho nada que fazer até ás cinco horas. Deixome estar para aqui. De vez em quando escrevo uma frase. Depois outra e, quasi sem dar por isso, acabarei por encher as quatro paginas.

N'este momento assomou á porta do Casino Carlos Tony, com o seu esplendido boné de automobilista, que costumava pôr para jogar o bilhar. Boné que tinha, aliás, sua razão de ser. E' que Carlos Tony havia tres anos que vinha adiando a compra d'um automovel, o qual d'ano para ano aumentava no numero de cavalos.

Adolfo e Carlos jogavam o bilhar todos os dias. Estava, cada um d'elles, convencido de que jogava melhor que o outro. E o caso é que esta rivalidade apaixonava-os muito mais que o proprio jogo, de que nenhum d'elles gostava.

Vendo chegar o seu camarada de praia, Adolfo lamentou sinceramente não ter ainda acabado a carta. Tony sentou-se-lhe á mesa:

— Está a escrever?

— Estou, respondeu ele. Mas tenho tempo. Só retiram a correspondencia ás cinco horas.

— Acabe, acabe! Jogamos depois.

Mas valia, de facto, acabar com aquilo e ficar livre de preocupações durante o jogo.

Então Adolfo, afincadamente, inclinou-se sobre o papel, como um estudante apicado. Mas nada mais lhe ocorria. Não lhe saía da cabeça a partida da vespera, que ganhara, ao outro, por doze pontos. N'aquelle dia, havia de ser por vinte e quatro!

Como não o visse escrever, Tony julgou-se auctorizado a dirigir-lhe a palavra.

— Já sabe do desastre d'esta manhã, na costa, perto de Sourdeval? Um barco, com gente que andava em passeio, voltou-se... E lá morreu um pobre rapaz de vinte e dois anos!...

— Não, disse Adolfo, não sabia...

E desatou a escrever, encantado:

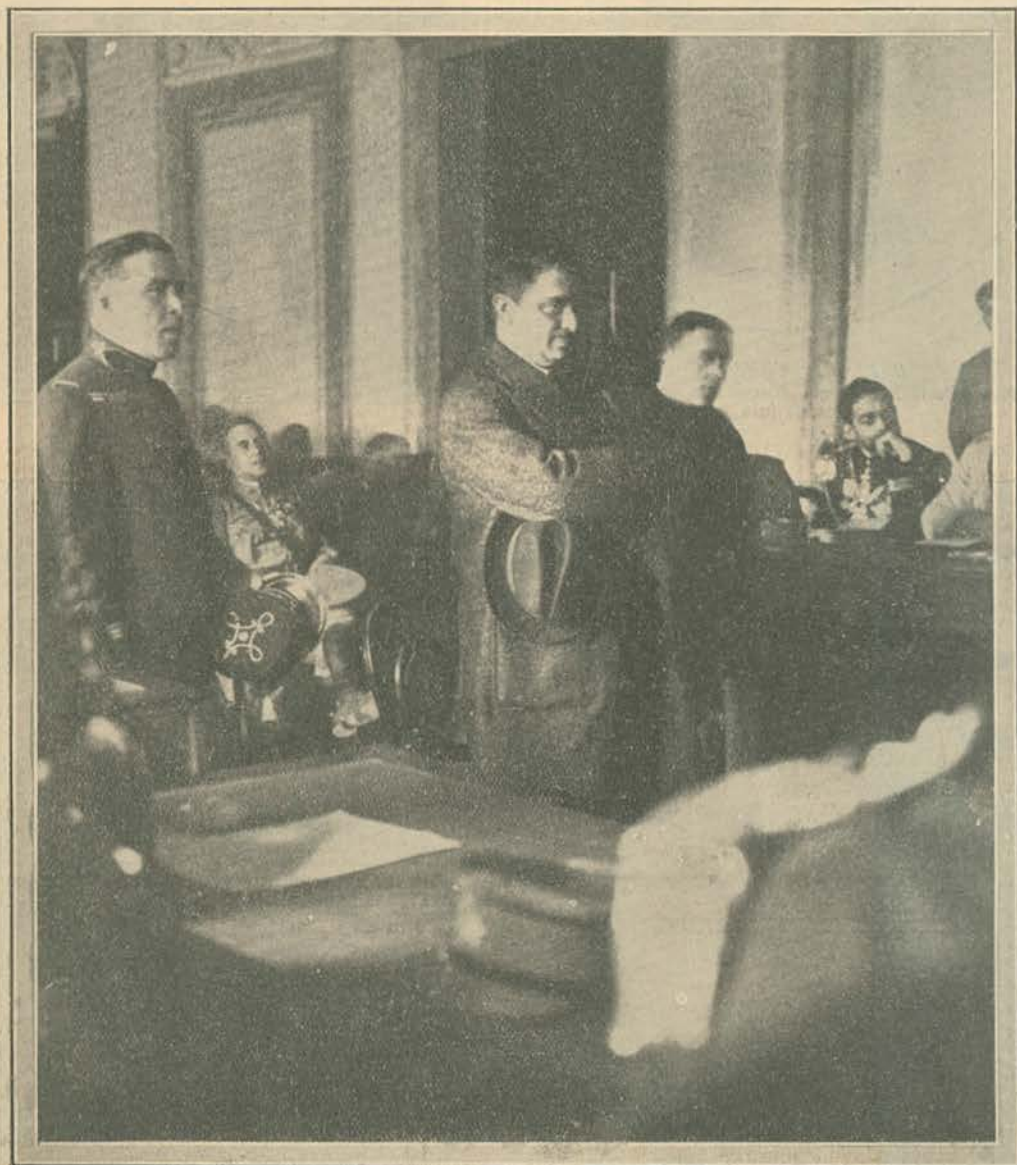
Imagina tu, minha adorada, que está aqui tudo inconsovel com um desastre que se deu. Em Sourdeval, muito proximo d'aqui, voltou-se esta manhã um barco com gente que andava em passeio pelo mar. De repente um homem. E' horrivel, pois não achas, minha querida? Um rapaz de vinte e dois anos! Logo me ocrreram as tuas excursões pe as montanhas. Tem muito cui'ado contigo, minha adorada. Não arrisques a tua vida. Lembra-te do que seria eu sem ti!



E assim por deante, eil-o chegado ao fim da quarta página, em termos de tersido, já na margem do papel, que lhe mandou muitos beijos, beijos ternos, beijos apaixonados, como se essas quatro paginas não bastassem para tudo quanto tinha lá dentro, no coração...

(De Tristan BERNARD).

O julgamento dos implicados no 19 de outubro



O director de O Seculo, sr. Cunha Leal, cujos depoimento e interrogatorio, como testemunha, causaram sensação pela coragem e ombridade que revelaram, ao ser acareado com as também testemunhas, srs. capitão Sarmiento Rodrigues e alferes Lopes Soares

(Cliche Salgado)

HOMENAGEM A UM GRANDE ESPIRITO

INAUGURAÇÃO DE UMA LAPIDE MANDADA, COLOCAR PELA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA,
NA CASA ONDE NASCEU, VIVEU E MORREU D. JOÃO DA CAMARA



D. JOÃO DA CAMARA
*Poeta-âlustre, eminente dramaturgo e grande
homem de bem*



A lapide, no palacete da Junqueira



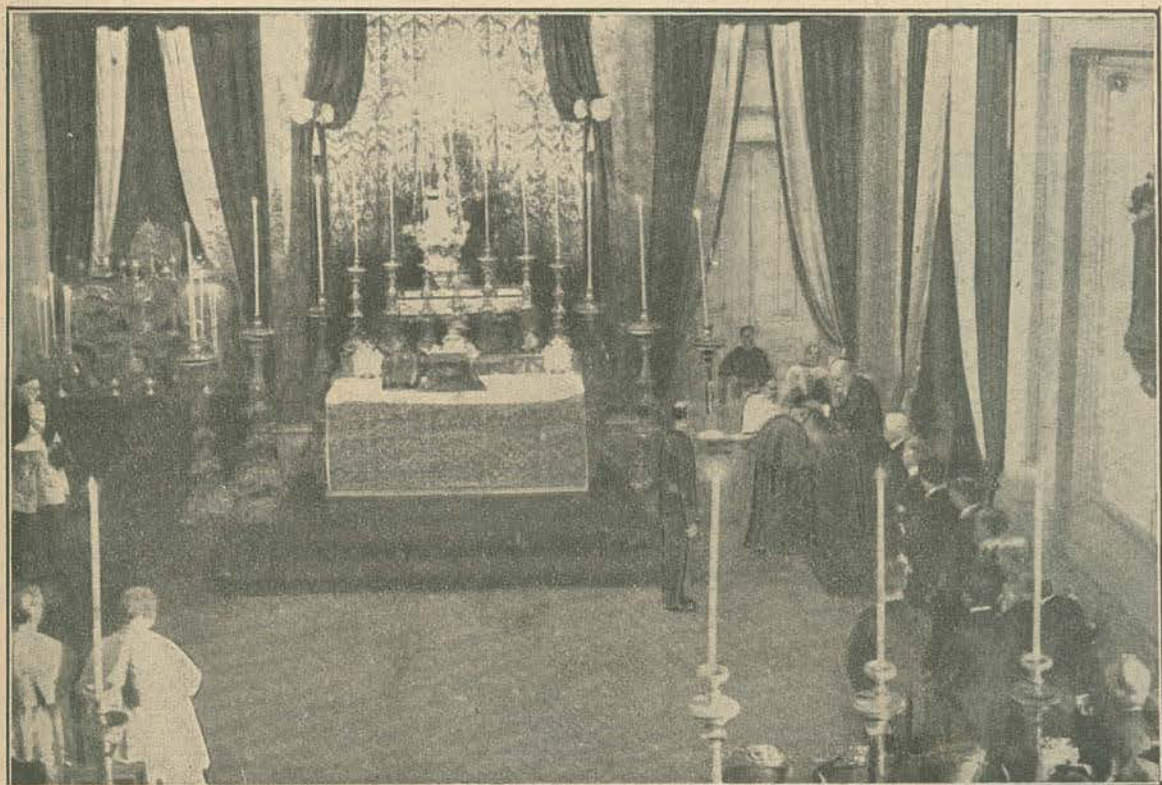
Uma parte da assistência á cerimonia da inauguração, realisada no dia 27 de Dezembro findo

(Clichés Salgado)

A imposição do barrete cardinalicio ao Nuncio Apostolico em Lisboa



O conego Anaquim celebrando, na capela da Ajuda, a missa que precedeu o acto solemne de imposição do barrete



O sr. Presidente da Republica collocando na cabeça do cardeal Locatelli, o barrete cardinalicio

(Clichés Salgado)

TRES EXPOSIÇÕES D'ARTE



*O pintor
Antonio Soares*



*O desenhador
e caricaturista
Jorge Barradas*

duas, no Salão Bóbene, as do illustre pintor Falcão Trigo e do scintillante caricaturista que é Jorge Barradas, e uma, a do também pintor de talento, modernista, Antonio Soares, num estabelecimento da Rua da Palma, 132.

Em todas se afirma a maneiira muito pessoal dos respectivos expositores, figurando, porequal, em todas, trabalhos de indiscutível valor.

A concorrência a qualquer destas ex-

Entre os dias 28 de Dezembro findo e 1 do corrente foram inauguradas, em Lisboa, nem menos de tres exposições d'Arte:



posições tem sido grande, como é de justiça, e os aplausos á maioria dos trabalhos expostos, também como é de justiça, unanime.

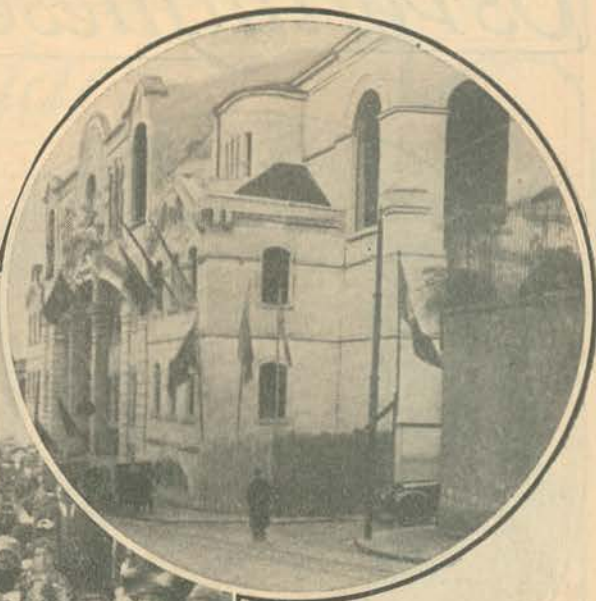


Falcão Trigo (a direita) no seu atelier, em Lagos—O quadro Do velho baluarte (Lagos), que figura na sua exposição

ASSISTENCIA INFANTIL

A passagem do ano foi comemorada, por varias agremiações, com a distribuição de livros, roupas, brinquedos, etc.

No dia 31 de dezembro inaugurou, a Sociedade Voz do Operario, que tantos serviços vem prestando á instrução infantil, uma parte das suas novas instalações á Rua da



Infancia (no medalhão, o edificio novo), com uma sessão solenne a que assistiram, entre muitas outras pessoas, as creanças das escolas mantidas pela referida Sociedade.



Distribuição de roupas e livros, pela Assistencia Infantil da freguezia do Monte Pedral, no dia 1 do corrente, no Teatro Gil Vicente



Na sede da Associação Protetora das Crianças foram distribuidos, no dia 1 do corrente, premios em dinheiro e brinquedos, seguindo-se a essa distribuição, um jantar a 60 creancinhas

Tambem no dia 1, realisou-se, na sede do Sindicato Unico da Construção Civil, uma festa de confraternização dos alunos das quatro escolas mantidas pelo mesmo Sindicato, sendo distribuido lanche e oferecidas varias peças de vestuario ás creanças mais necessitadas.

Os Portugueses no Brasil



Refeição ao ar livre no Ginásio Anglo-Latino, de que foi fundador e é director o professor Antonio Maria Guerreiro.

Os exemplos de portugueses que se esforçam por honrar, no estrangeiro, e sobretudo no Brasil, o nome de Portugal, são frequentes. Isso não quer dizer, porém, que não mereçam ser conhecidos os seus nomes e elogiados esses seus esforços.

Precisamente no caso sujeito encontra-se o professor Antonio Maria Guerreiro, natural de Lanhelas, que fundou, em S. Paulo, um magnifico instituto de instrucção, o *Ginásio Anglo-Latino*, o qual dirige com a mais reconhecida competencia, e tem sido um incançavel propagandista da Escola Portuguesa no Brasil. Graças á sua patriotica e esforçada interferência já se encontra funcionando uma d'essas escolas em Santos, devendo inaugurar-se, dentro em pouco, outra, no Rio de Janeiro.

E' de notar que a Escola Portuguesa no Brasil destina-se especialmente á nossa colonia, tendo por fim não só illustrar e educar os nossos patricios, como ainda evitar quanto possivel a sua desnacionalisação.

Não auferindo, de tão valiosos serviços prestados á Patria, o professor Guerreiro, outra compensação alem da satisfação de tel-os prestado, todos os elogios que se lhe façam são poucos.



Professor ANTONIO MARIA GUERREIRO



Directoria fundadora do Centro Dr. Antonio José d'Almeida, no Rio de Janeiro. (Cliché Brandão, da Patria, Rio de Janeiro.)

Concurso das Mascaras Misteriosas



Quem é
a dama mascarada?

publicámos aqui repetidas vezes, serão, de facto, 20 as mascarar a inserir, procedendo-se á atribuição dos premios um mez depois da publicação das 2 ultimas, que sairão em 20 do corrente — portanto, em 20 do proximo mez de fevereiro.

Significa isto que ainda resta cerca de mez e meio, aos leitores da *Illustração*, para se habilitarem a s premios em questão, em numero de tres, a saber:

1.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de TODAS AS MASCARAS.

2.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de TODAS AS MASCARAS FEMININAS.

3.º premio destinado a quem primeiro enviar a solução de TODAS AS MASCARAS MASCULINAS.

E' constituido, conforme temos dito, o referido

1º Premio

por um magnifico tapete de Arraiolos, do qual damos, abai-

Tendo sido inaugurado, no n.º 874 da *Illustração Portuguesa*, o CONCURSO DAS MASCARAS MISTERIOSAS, cujo successo muito longe estavamos, então, de supôr que alcançaria as proporções que alcançou, 16 das referidas mascarar já se encontram publicadas, o que quer dizer que, com dois numeros mais, ou seja mais 4 gravuras, o referido concurso ficará encerrado. Conforme as suas condições que

xo, a reprodução fotografica, que nos foi gentilmente oferecido, para o efeito, pela firma Rosado & Pinto, por intermedio da directora artistica da referida fabrica, a sr.ª D. Jacinta Leal Rosado.

Mede 1.º20, por 1.º40 e, as suas cores, cinzento, em varias gradações, castanho, preto, azul e verde, formando harmoniosissimo conjunto policromico, a um tempo sobria e artisticamente maziado, tornam-o um verdadeiro especimen, com todas as suas caracteristicas da preciosa industria local de que é, ao mesmo tempo, um dos mais aperfeiçoados exemplares. O seu preço de venda é de 250 escudos.

Os

2.º e 3.º Premios

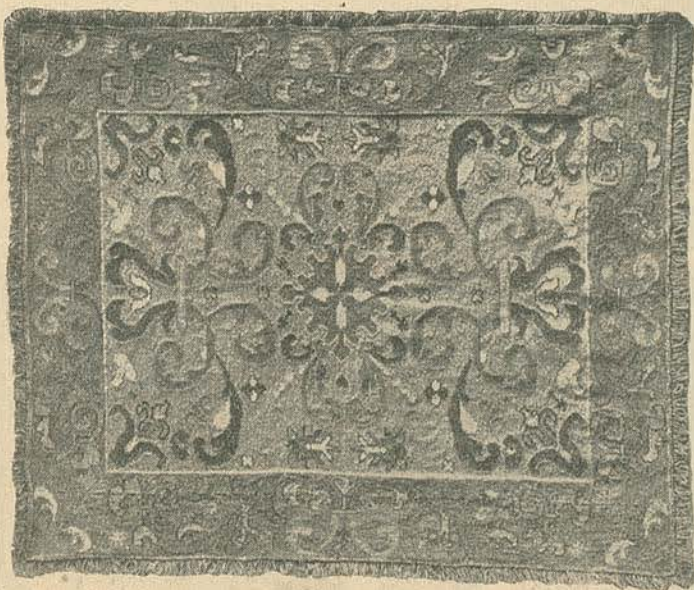
destinados, respectivamente, aos primeiros

decifra-
dores da co-
lecção de
mascaras
femininas e
da colecção
de mascarar
masculinas,
se-
rão consti-
tuidos, cada
qual, por 12
volumes, á
escolha do
premiado,
de entre os
que até á
data do en-
cerramento
do concu-
rso, tiverem
sido publi-
cados pela
Secção Edi-
torial de
O Seculo.

Quanto á
remessa de
decifrações
chamamos
a atenção
dos leitores
para as con-
dições ante-
riormente
publicadas
na *Illustração*



Quem é o cavalheiro
caracterisado?



Magnifico tapete de Arraiolos, medindo 1.º20 por 1.º40, oferecido para 1.º premio d'este concurso pela firma Rosado & Pinto

O 1.º CENTENARIO DO NASCIMENTO DE PASTEUR

Algumas das comemorações da data, em Lisboa, e documentos que se relacionam com a vida e a morte do ilustre sábio e grande benemerito da humanidade



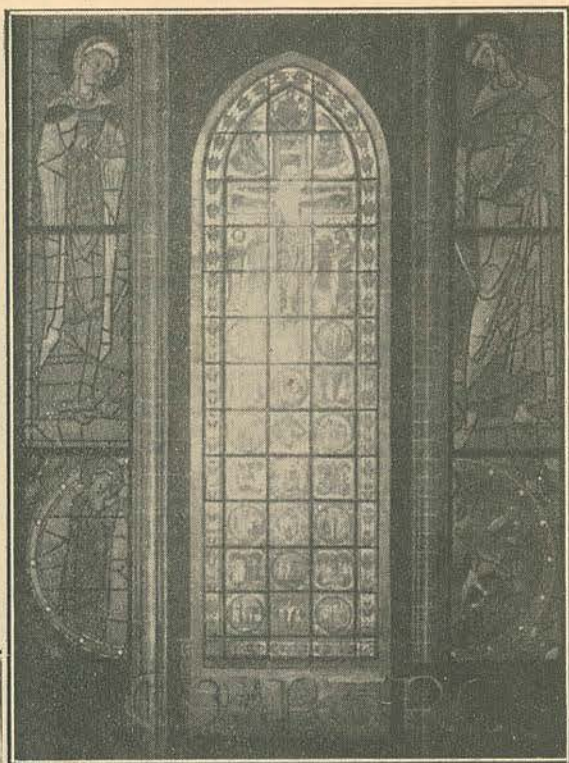
1—Cripa e túmulo de Pasteur, no Instituto Pasteur de Paris. 2 e 5—A COMEMORAÇÃO DO CENTENARIO, NO INSTITUTO CAMARA-PESTANA: o sr. dr. Luiz Figueira explicando, aos alunos do Colégio Vasco da Gama, o processo da inveculação do soro n'uma coelha (2) e o sr. dr. Antão de Magalhães fazendo idêntica exemplificação, n'uma cobaia, as alunas da Escola Rodrigues Sampaio (5). 3—O dr. José, actual director do Instituto Pasteur de Paris, e dedicado colaborador de Pasteur, nos seus estudos e descobertas. 4—José Meixner, a primeira pessoa, atacada de raiva, que foi salva por Pasteur, em 1885 (tinha, então, 9 anos). 6—Busto de Pasteur, por Paulo Dubois (1893). 7 e 11—A COMEMORAÇÃO DO CENTENARIO NA ACADEMIA DE SCIENCIAS DE LISBOA: aspecto da assistência, durante a notável conferencia, sobre Pasteur, realisada pelo sr. Virgílio Machado, em sessão de 27 do mez findo (7) e a mesa que presidiu a referidissima, constituída pelos srs. Almeida Lima, ministro da França e Jos. Pedro da Cunha (11). 8, 9 e 10.—Branco-relevo do monumento a Pasteur, em Lille, representando: A Injecção anti-carbunculosa; Pasteur estudando os phenomenos da fermentação; A Injecção anti-rabica. 12—A estampilha postal internacional, comemorativa do Centenario d. Pasteur, que se a posta em circulação, quando da comemoração official do mesmo centenario, ou seja no fim de maio proximo.

(Clichés, francezes, de L'Illustration e, portuguezes, de Salgado.)

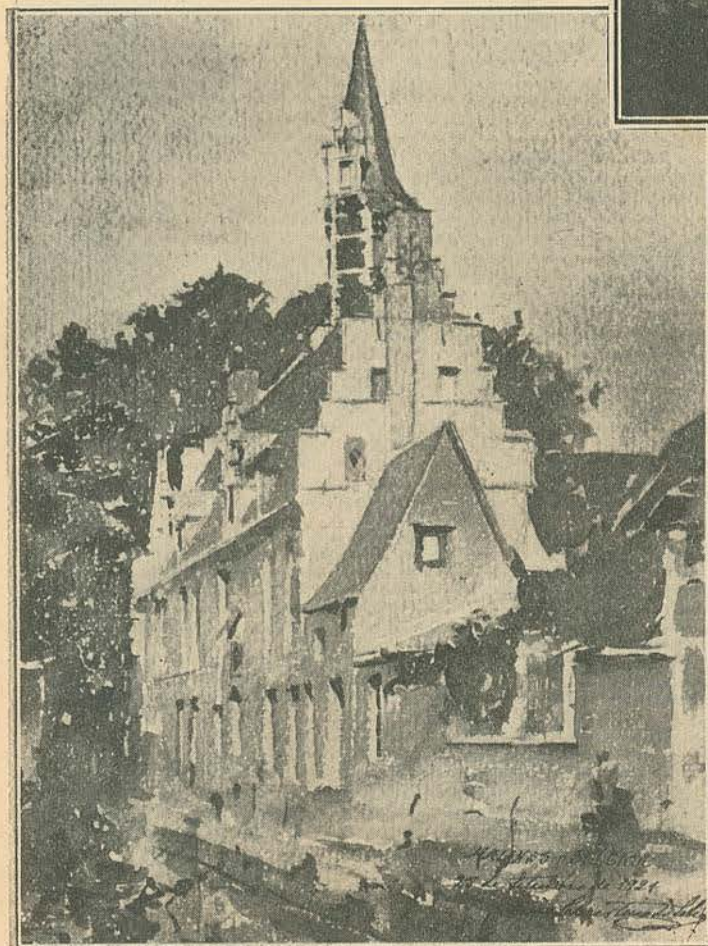
UM ESCULTOR DE MERITO



LUIZ CRISTINO DA SILVA



Vitral de Chartres--Seculo XII (reconstituição)



Canal de Malines (Belgica)

SEGUIU, ha dias, para Italia, como pensionista do Estado pelo legado Valmôr, o architecto sr. Luiz Cristino da Silva, já diplomado pela nossa Escola de Belas Artes e com um estagio de dois anos em França, na mesma qualidade de pensionista.

Discípulo, em Lisboa, do illustre professor Luiz Monteiro e, em Paris, de Lalloux, o mestre eminente, Luiz Cristino da Silva revelou-se, sempre, durante o curso, aluno aplicado e intelligente e, apoz o mesmo curso concluido, só tem confirmado, plenamente, a opinião que dele faziam professores e condiscípulos.

Será de seis meses a sua estada actual em Roma, com ella completando definitivamente os seus estudos, repetimos, nas mais brilhantes condições, isto é, com excellentes classificações e até dois 2.ºs premios, em Paris.

Os dois belos trabalhos, inéditos, que hoje inserimos de Luiz Cristino da Silva, foram executados no estrangeiro, representando a reconstituição dum vitral de Chartres e o canal de Malines (aguarela).

Vem a proposito acrescentar que o illustre architecto a que nos vimos referindo é filho do antigo professor e pintor, o nosso amigo sr. Ribeiro Cristino, e neto do tambem pintor e professor de pintura sr. João Cristino da Silva, ha muito falecido.

Quer isto dizer que pertence a uma verdadeira dinastia de artistas, cujos pergaminhos brilhantemente honra e cuja tradição a todo o ponto u antém.

Ha Muitos Anos...

O jornalismo de outros tempos

DESDE 25 de Dezembro de 1884, até meados de Janeiro de 1885, foi uma parte da Espanha, nomeadamente a Andalucia, abalada por constantes e violentos tremores de terra, que causaram importantissimos prejuizos materiais e não poucas perdas de vidas nas provincias de Granada, Malaga, Cadiz, Sevilha, Cordova, Jaen, Almeria, etc.

Só na de Granada, o numero de casas completamente destruidas su-



Casas em ruínas em Albuñuelas



Egreja em ruínas em Albuñuelas



Uma procissão em Granada



Os habitantes de Granada vivendo em barracas

biu a 3.240, além de mais 749 fendidas, e, das 400 casas que constituíam a aldeia de Arenas del Rey, cerca de Alhama, nem uma só ficou de pé. Em Albuñuelas, vila de 2.000 habitantes, apenas 90 casas ficaram habitáveis, tendo sido de 120 o numero das victimas.

Um verdadeiro horror, de que as gravuras que reproduzimos da *Ilustração* (n.º 3-11 ano-1885) dão, ainda assim, apenas uma ligeira idéa!



Uma rua em Alhama

"Estreia" e "Arredo" Cinema

M.^{lle} Gabrielle Ristori
numa das situações dra-
máticas do 3.º episódio
do film MATIAS SAN-
DORF



O publico de Lisboa tem agora occasião de poder apreciar uma das mais belas obras-primas da cinematografia moderna. O romance «Matias Sandorf», que «O Seculo» está publicando em folhetins, sendo passado, no Cinema Condes, num magnifico «film», superiormente desempenhado, é um dos melhores trabalhos do autor da «Volta ao mundo em 80 dias». Em «Matias Sandorf» poz Julio Verne uma extraor-



Uma scena do 1.º episodio da magnifica adaptacão da celebre obra de Julio Verne

dinaria emoção dramatica e é assim que a successão de aventuras de que é composto o romance passam pela imaginação do leitor, interessando-o sobremaneira, arrebatando-o mesmo. A pellicula, interessante pelo enredo, pelos costumes e pela interpretação, foi montada a primor. No papel de Matias Sandorf tem mr. Romuald Joubé uma das suas melhores creações e mademoiselle Gabrielle Ristori, no papel de Sava, e mr. Gaston Modot, no de Carpena, portam-se á altura dos seus meritos, conseguindo duas boas personagens pela orientação e criterio com que foram estudadas.



Romuald Joubé o principal interprete da pellicula, no papel de Matias Sandorf.



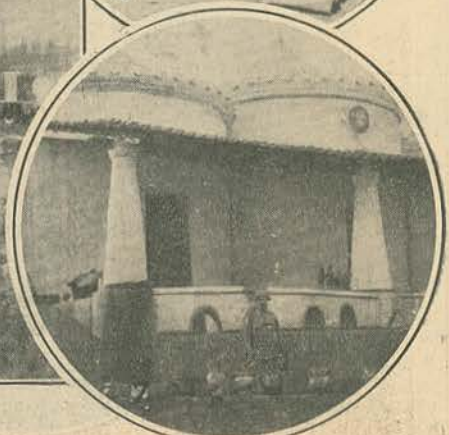
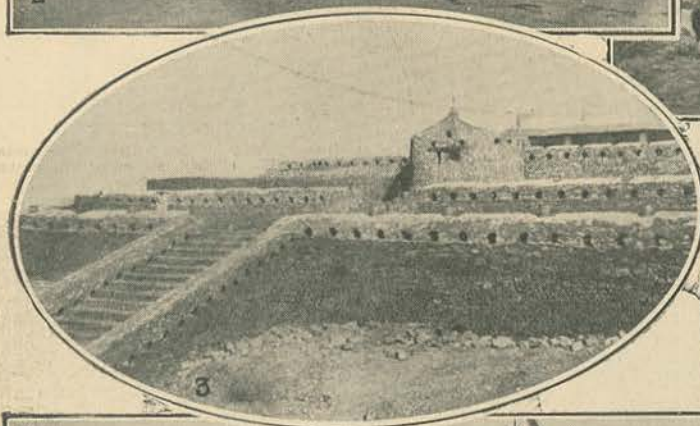
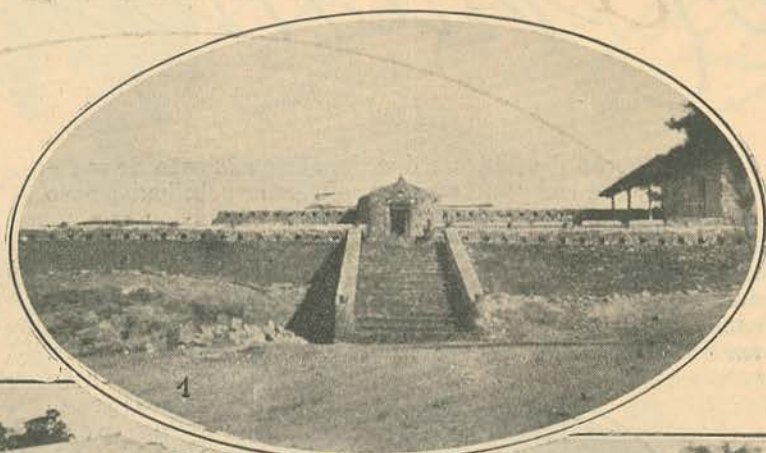
O actor Jean Toulent no papel de banqueiro Toronthal.



A grande actriz do écran, Gabrielle Ristori que desempenhou um importante papel de Sava.

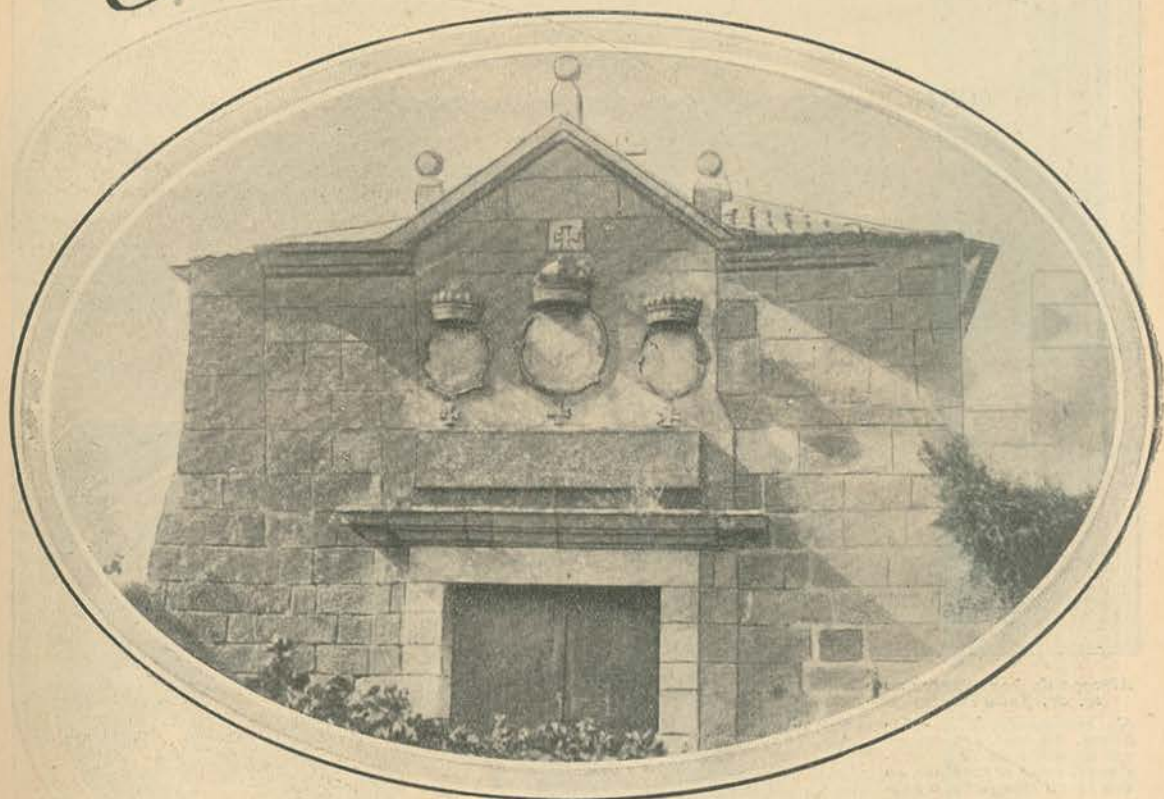
A NOSSA COLONIA DE TIMOR

O COMANDO
MILITAR
DE
HATO-LIA



1—O novo posto militar de Leto-Fôho, do comando militar de Hato-Lia. 2—Casa de residência, na grande plantação de café no Talo. 3—Outro aspecto do posto militar de Leto-Fôho. 4—Casa de habitação do comando militar. 5—Delegação de saúde (primeiro hospital construído no interior da ilha). 6—Fabrica de telha no posto militar de Leto-Fôho. 7—Casa de residência do comandante do posto, o 2.º sargento e fotógrafo amador sr. Carlos Correia.

Paginas da Nossa Historia



Entrada da antiga fortaleza, construída pelos portugueses em Salvaterra (de ha muito na posse de Hespanha). E' de notar terem os hespanhoes picado os escudos, representativos na nossa nacionalidade, poupando as corôas, emblemas da realza — o que dá bem a nota de quanto esta era supersticiosamente acatada, mesmo sendo inimiga.



Pelourinho e Club de Ponte da Barca. Neste se reuniam, nas horas graves da nacionalidade, todos os fidalgos de Entre Douro e Minho, nem um só faltando ao apelo dos respectivos dirigentes, a fim de tomarem resoluções de caracter patriótico.

FIGURAS & FACTOS



Almoço de homenagem ao sr. dr. Julio Dantas

No rectângulo, a mesa de honra. Na oval, aspecto geral do salão do Teatro Nacional, onde se realizou, no dia 29 do mez findo, o banquete.



Diogo Cassels

Grande benemerito da instrução, em Goa, foram-lhe collocadas no peito, em sessão solene da Camara Municipal daquelle concelho, realisada em 24 do mez findo, as insignias da comenda da Ordem de Christo



Dr. Antonio Macleira

Ilustre estadista ao tumulto do qual se realisou, no dia 29 de dezembro, uma comovente romagem.

Dr. Pinto Ribeiro

Juiz sindicante aos serviços dos Transportes Maritimos do Estado.



Henrique Vieira de Castro

Presidente da Ass. Com. do Funchal, grande benemerito madeirense e um dos maiores influentes pelas festas do centenario da descoberta da Madeira



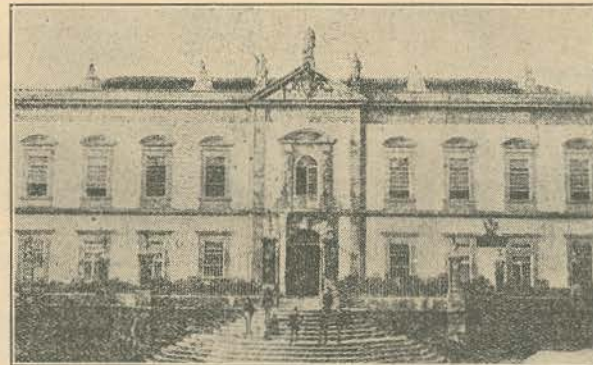
Arcebispo de Mitlene

Antigo bispo de Angola e actual elcario do patriarcado, que vai ser nomeado prelado da nova diocese de Vila Real de Tráz os Montes



Professor Ferreira da Silva

Notavel quimico em honra de quem vai realizar-se uma sessão solenne promovida pela Sociedade Farmaceutica Lusitana



Hospital Civil de Vizeu

O mais importante, pela sua vastidão, condições higienicas e excellentes seroio clinico, da provincia da Beira. Acha-se em risco de ser encerrado, devido á sua precaria situação economica



(1 e 2) Dr. João de Castro e Borja Santos. Incumbidos pelo Conselho Supremo do partido Nacional Africano, de fazerem, com o concurso do jornalista sr. Mario Domingues, uma serie de conferencias publicas sobre as reivindicações da raça negra. (3) Dr. Eduardo Pimenta. Medico e distincto publicista falecido no dia 25 de dezembro findo, no Porto. (4) Dr. Artur Leitão. Ilustre homem politico e publicista que ha dias ficou gravemente ferido n'um desastre d'automovel

O EXTRANGEIRO EM FOCO



WOJCIECHOWSKI

Novo Presidente da Republica da Polonia



DR. RAUL FERNANDES

Novo Presidente do Estado do Rio de Janeiro



STULGINSKI

Novo Presidente da Republica da Lituania



OS TREMORES DE TERRA NO CHILE

A que ficou reduzida a parte baixa da cidade de Coquimbo



LORENZO PEROSI

Mestre da Capela Sirtina e famoso compositor sacro, que acaba de enlouquecer. Esteve em S. Carlos, regendo obras suas, em 1906.



HENRI BERAUD

A quem foi attribuido o premio Goncourt de 1912 pelo seu romance Le Martyre de l'Obèse.



D. MIGUEL VILLANUEVA

Presidente do Conselho de Estado de Espanha, que acaba de ser nomeado Alto Comissario em Marrocos.



ENVER-BEY

Um dos chefes dos Jovens Turcos, cujo falecimento, em Gulap, está comprovado apesar dos desmentis da imprensa turca.

PAGINA

MUSICAL

O ANOITECER NAS MONTANHAS

Grieg

Allegretto

PIANO *mf* *p* *dim e rit* *pp*

Andante

p *espressivo* *cresc e string* *a tempo*

ff *agitato*

a tempo

dim molto e più tranqu *poco rit* *p*

poco rit **Tempo I** *p*

cresc *f* *più f e ten*

agitato *dim* *molto e più tranqu*

a tempo *ritard* *p*

a tempo *poco rit* *ff* *ins* *p* *rit* *pp*

Página Elegante



«Toilette» de «street» da Chloé. Vestido em malha com gola e botões de seda; gola e botões de seda.

A «silhouette» moderna, embora á primeira vista se nos afigure idêntica á que nos legou a moda de verão, difere bastante d'esta ultima, pelo menos no que respeita a pormenores que muito contribuem para o efeito do conjunto. Não sofre d'avia que os topicos principais da linha são os mesmos: saias estreitas e alongadas, cinturas baixas, o todo esguio. Mas um exame minucioso dos varios componentes d'esse

tudo flexível e «elancé» põe prontamente em evidencia modificações sensíveis, que são como que o retoque habil e inteligente da ideia em que se inspirou a moda ao crear a «silhouette» moderna.

As cinturas são descaídas, realmente, mas menos do que na estação transita; as saias são estreitas, mas sob pregas dispostas com mestria oculta e a roda suficiente para conservar ao andar uma cadencia harmoniosa e suave, evitando todos os efeitos desagradáveis dos movimentos bruscos.



Capa de visgo em malha de fantasia. — Meitrim em «street» beige, guarnecida com gola de seda, botões de seda e gola de seda. — Meitrim em malha de seda, botões de seda e gola de seda.

Como nota de novidade impressionante, a moda apresenta-nos este inverno lindas coleções de «toilettes» em que as costas são quasi lisas, quasi inteiramente desprovidas de guarnições, o que muito contribue para tornar a linha esguia, ao passo que as frentes são dispostas com a maior fantasia, em «drapés» artisticos, comportando uma túnica ou pequeno avental, que se prende por meio de largos franzidos,



«Toilette» em «sporting» gris (ver) e tecido lã com «quadrado» gris, guarnecida com gola d'abacaxi. — «Toilette» em tecido de malha, lã com «quadrado» gris, guarnecida com gola de seda e gola de seda.



Vestido em «street» gris, guarnecida com gola de seda e gola de seda.

Vestido de seda, gris e «quadrado» gris, guarnecida com gola de seda e gola de seda.

dando assim á «toilette», quando vista de frente, uma ideia de amplitude que na realidade não tem.

E' evidente que a ideia dominante da moda do momento é preparar quanto possível a assimetria e efeitos diferentes na mesma «toilette», a qual, conforme o lado de que é examinada, apresenta um aspecto inteiramente diverso do lado oposto.

Compreende-se que um genero de «toilette», que, por irregular, precisa obedecer a uma disposição inteligente que para o efeito não resulte desagradavel ou estravagante, exige o concurso do espartilho, para poder compor um conjunto bem equilibrado e estético.

Este pormenor, aliás da maior importancia na elegancia moderna, impõe-se á attenção de todas as senhoras que pretendam vestir irrepreensivelmente.

ARMANDO DE LEÃO



AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO'E O MAIS QUE OCORRER.

CRAVOS DE PAPEL, por Eugenio de Castro

QUANDO uma literatura e um povo se podem orgulhar de possuir tamanho poeta como Eugenio de Castro não ha razão para desalecimentos, para desesperanças, para pessimismos. Bem sei que o extraordinario artista, uma das mais altas figuras das letras latinas em todos os tempos, é mais conhecido e mais amado ainda além-fronteiras do que na sua propria terra, mas creio bem que não existe em Portugal uma sensibilidade afinada, um coração capaz de se enternecer, uma intelligencia medianamente culta que deixem de vibrar perante a obra de Eugenio de Castro e de nutrir por ella uma admiração profunda e um sincero e comovido entusiasmo. Poucas semanas transcorridas após terem vindo a lume as *Cantões desta negra vida*, surgem-nos os *Cravos de papel*, em que o poeta prossegue a nova maneiira com o mesmo vigoroso talento e o mesmo poder de emoção, conseguindo por via dos mais simples effeitos litterarios, exprimir as ideias mais belas e mais concetuosas, evocar tudo quanto de nobre e puro e eterno torna a vida merecedora de viver-se, e, de igual passo, pôr-nos diante dos olhos, a que, irresistivelmente, afloram lagrimas, a paisagem portugueza, os costumes portuguezes, a historia, a tradição, a tempera, a poesia, a alma da gente de Portugal!

Ha trinta e nove annos que o poeta vem opulenteando as letras patrias com as fignrações de um genio multiforme e sempre na plenitude das suas faculdades esteticas, affirmadas atravez de todas as formas de llirismo, sem excluir aquella que teve a sua época de retumbancia ha mais de um quarto de seculo e de que ele foi, entre nós, o introductor, o arauto, o mestre tão discutido e tão imitado, nos *Oaristos* e nas *Horas*. Mas

Eugenio de Castro não se fixou numa escola, não cristallizou num processo; quando desceu das nuvens e pouseu, novamente, na terra, elle produzindo maravilhas que se succederam com raros intervalos de silencio, poemas em que a plasticidade, a pollicronia, a musica, a riqueza verbal, negadas á nossa lingua por alguns insensatos, rivalisam, no entanto, se não exceedem, as de outras; obras-primas, em suma, que as inspirem a antiguidade e o oriente faustosos e hieraticos, quer as lendas, os episodios e as figuras da historia patria ou do agiologio



Eugenio de Castro

cristão, quer sejam meras creações da fantasia, doces quadros bucolicos...

Nos seus ultimos livros e nomeadamente neste ultimo, Eugenio de Castro, poeta nacionalista por excellencia, canta-nos a missa das almas, o dia de Ano Bom e o de Pascoa, o velho berço herdado e que passará aos seus netos, a bilha de Extremoz, osromeiros, o relógio de sol, os tipos populares e os vagabundos, os amores castos, as docuras do lar e da familia, as recordações dos maiores; diz-nos o que é o cravo do papel, narra-nos a triste historia de uma rosa, idealisa o

ROBERTO B. P. N. — Não sabemos quem é o autor do verso indicado, nem recebemos os 50 centavos a que se refere. Como sabemos que pode fazer versos melhores do que as suas Miserias sociais, esperamos por elles.

HAMLET. — Enfermam de todos os males, porque não são versos. Emfim, talvez a Ofelia goste d'elles; nós não.

B. de L. — Extraiou-se o Tardio desengano.

Louca d'amor! mãos postas! Imploro

tem apenas 9 sílabas métricas.

GIL SERAFIM. — O seu livro não tem melhores sonetos do que os tres que nos remete? Aquele pseudo-verso:

A alegria? Rubi de espavento

vale um dinheirão!

HELLAD. — Apenas porque V. Ex.^a pede resposta no proximo numero da *Ilustração*, que vem a ser este, lhe comunicamos que o seu interessante soneto sairá no... proximo, que vem a ser, n'este caso, o seguinte. Attas a melhor resposta seria a publicação... Mas, visto que respondemos, sempre acrescentaremos qz ficamos as suas ordens em uma casa onde são sempre bem vindas as visitas com o talento e a inspiração de V. Ex.^a

CORRIGENDA

O anterior numero da *Ilustração Portuguesa* vem cheio de lapsos de revisão, além de outros. Ressalvando apenas os mais importantes, deixamos á intelligencia do leitor corrigir os restantes e, de todos lhe pedimos desculpa:

E' da interdição de M.^{me} Brouillard e não da cartomante Constancia Rodrigues que se trata a pagina 712. Esta ultima, apenas foi ouvida sobre o caso da sua colega, por um redactor d'O Seculo.

Na mesma pagina o retrato da actriz Lucinda Simões vem indicado como sendo de sua filha Lucilia.

Finalmente, o convento de Santa Clara a que se faz referencia a paginas 713, é em Portalegre e não no Porto, como saiu.

enterro de Inez de Castro, confessa-nos que reelisou — e com grata abundancia — o que preceltúa o rifão:

Deve plantar uma arvore
O homem nos seus terrenos;
Um livro escrever e emfim
Deixar um filho, pelo menos.

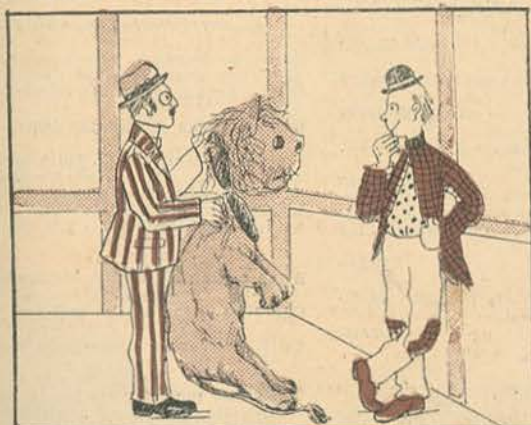
Cravos de papel valem pela mais preciosa das joias; representam o melhor mimo que nesta época do anno, se pode depôr no regaço de uma mulher, enviar a um amigo querido. Livro portuguezissimo e notabilissimo, transbordante de sentimento, tocado de longe em longe de um leve humorismo, ele aumenta a gloria, já imorredoiira, de Eugenio de Castro e consola e deflita o espirito acabrunhado d'aquelles que reconhecem, com o poeta, que

Portugal é um ceu aberto
Portugal é um paraizo;
Só lhe faltam duas coisas,
Que são: dinheiro e julho!

A. de A.

PAGINA INFANTIL

FELIZARDO ENTRA PARA O TEATRO



1-AQUI TEM O QUE LHE PERTENCE E NÃO SE ESQUEÇA DE QUE EM SCENA É UM LEÃO.



2-VÁ, ENTRE. JÁ SABE QUE É SÓ ATRA-VESSAR O PALCO POR DETRAZ DA DONA LUIZA E RUGIR COM SENTIMENTO.



3-UM ADMIRADOR DA DONA LUIZA ATIRA COM UM VISTOSO RAMO QUE CAHE AOS PÉS DA ACTRIZ...



4...E FELIZARDO ACHA QUE UM LEÃO NÃO PERDE NADA POR SER AMÁVEL COM UMA SENHORA.



5-MAS A AMABILIDADE ENFURECEU DE TAL FORMA O CONTRA-REGRA...



6...QUE O QUE VALEU AO POBRE FELIZARDO FOI A PELE DO LEÃO SER MAIS DURA QUE A D' ELE.



ESFINGIA



CHARADA EM VERSO

Esta mela, mela feita,—2
É outra mela por fazer...
Lembra a roda que anda à roda,—3
Para mela roda sêr.

Zépêdro

CHARADAS EM FRASE

(Ao ilustre charadista «In-Re-bb»)

Pela constelação se guia o navegante...
que é navegante.—2—2.

Dois Itricos

Junto ao natural me encontro sempre
ligado.—1—2.

Alda Modesto

O chefe preto reside na palmeira.—2—.

Matosinhos

Arsento Lupin

Sobre a viagem de Sacadura e Coutinho,
vou escrever uma poesia heroica.—2—1.

Trigo

Este homem vive em planalto na cidade estrangeira.—4—1.

Careca

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Charadas em verso: Perito — Avlador — Malacara — Boa Vista — Regalo. Enigma pitoresco: Entristecido. Logogrifo: Rastamento.

ENIGMA

Não tem braços, não tem pernas,
Não tem côr, nem nunca o vi;
Não tem boca, não tem dentes,
Não fala, mas já o ouvi...

Não come, também, não fuma,
Não tem olhos, nem ouvidos;
Corre muito, sem ter pernas,
E faz ouvir seus rugidos...

Está, sempre, em toda a parte,
Porque é muito curioso;
Anda um dia sossegado,
Anda meses furioso...

Ninguém lhe pode pôr mão,
Ninguém o pode agarrar,
Ninguém o pode prender
E ninguém o faz parar...

Há quem chore a sua ausencia,
Outros, não o podem ver;
Quando é preciso, não vem,
Custa muito a perceber!

Não respeita coisa a guma,
É forte e devastador;
A's vezes, causa alegria,
A's vezes, provoca a dor...

Abre portas e janelas,
Algumas muito trancadas;
Talvez seja embriagado,
Mas não quer vê-las fechadas...

Assopra quando zangado,
E provoca zaragata!
Não é a primeira vez,
Que animais e homens mata...

Só gosta da malvadez,
E' vil, não tem coração...
Devasta e maltrata tudo,
Seja de inverno ou de verão!

Não tem corpo, mas tem força,
E' até, mul poderoso;
Mas Deus me livre de o vêr
Quando passa, furioso...

No mar, tem muitos amigos,
Que o querem a toda a hora!
Mas, também, tem inimigos,
E ninguém sabe onde el' mora.

Não tem dedos, não tem laços,
Não tem nós, nem torno, á certa!
Mas, quando passa mais forte,
Todos dizem que ele aperta!

Quem será este fantasma,
Colegas da Ilustração?
Sem pés nem cabeça... Alto!
Pés, tem... Cabeça é que não!...

Josolicos

LOGOGRIFO

Sobre o soneto A vida de João de Deus

(Ao novel charadista «Diógenes»)

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo.
A luz que nesta vida me guiava!
Olhos fitos na qual até contava. 8,—47,
—18—10—13
Ir os degraus do tumulto descendo.

Em se ela anuviando, em a não vendo,
7—3—12—20—6—16—7
Já se me a luz de todo anuviava.
Despontava ela, apenas despontava.
Logo em minha alma a luz que la perdendo.

A alma gemea da minha Ingénua e pura.
47—m—15—11—u—10—13—16—2
Como os anjos do céu (se o não sonhar...)
ram...
Quiz mostrar-me que o bem bem pouco dura.

Não sei se me vou, se me levaram
Nem s'iba eu nunca a minha desventura
Contar aos que inda em vida não choraram.
16—5—1—11—14—9—4—5—14

Selfar

Indicações úteis

—Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser enviada ao *Século* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o *quadro de honra* a quem envie todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias após a saída d'este numero, ás 18 horas, na sucursal do Roclo.

—Todas as produções devem vir escritas em separado, e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.

—Os originaes quer sejam ou não publicados, não se restituem.

Correspondência da Esfingia

Castor & Polux—Por enquanto, só enigmas, charadas em verso, em frase, logogrifos e pitorescos; e chega bem... (Reprise).

Maria Antonieta—Tem V. Ex.^a a *Esfingia* ás suas ordens; mande o que diz e se estiver em bom estado de... publicação, a seu tempo sairá.

Oravla—Tenho visto bonecos mais artísticos nos muros da cidade, feltos p'los galatos, que os que V. Ex.^a desenhou no seu pitoresco... Até um cavalo com seis pernas!!! Esta não lembra ao diabo!...

Dominó Roxo—Era desnecessario perguntar se estão boas, porque são excellentes. Agora, é só esperar pela vez.



QUADRO DE HONRA

S. Paló—Dama oculta—Do 14—Fran—ran—In Rebb—Josolicos—Adirageram—Trigo—Dois Itricos—Mafoma—C. Sillet—Pami—Tidui—Ociroma—Violeta—Seven—Ferraz—Ferreão & Ferreira—Duque de Iolvarvalhona—Dr. E'nece E'te—Amelia—Co delro—Lupido—Ego Sum Qui Sum—Gloconda—Alda C. Gomes—Cluo do Silencio—Osopar—Um braguenço—A. T. Macedo—Antlorac—Alvaro—Ferreira—Pinta scenas—Mergado—Major rapaz—Dominó Roxo—Castor & Polux—Adlemla—Maria Antonieta—Oravla—Lucia Lima—Selfar—Diógenes—Dr. Godo—A. R. Barbosa—Fonseca

Campeões decifradores do penultimo numero charadístico.